

A PERSISTÊNCIA DO DEMÔNIO DA PERVERSIDADE NOS CONTOS DE EDGAR ALLAN POE

Karen Lourine (UEA)

Victor Leandro da Silva (UEA)

RESUMO: Esta pesquisa se propõe a analisar três contos de Edgar Allan Poe que contenham o *demônio da perversidade*. Objetivamos expor esse elemento, evidenciar sua atuação que por vezes faz-se presente nas narrativas de Poe, ainda que implicitamente; também o compararemos aos demônios/espíritos circunscritos em algumas mitologias, além dos citados nos textos bíblicos. Os contos que constituem o *corpus* de nosso trabalho são *O demônio da perversidade*, *O gato preto* e *William Wilson*. Metodologicamente, analisaremos esses contos pontuando a persistência do demônio da perversidade nos contos citados, elucidando suas influências nessas narrativas.

Palavras-chave: Demônio da perversidade, Edgar A. Poe, contos.

*Quem nunca se pegou, uma centena de vezes, cometendo algum ato vil ou tolo sem
nenhum outro motivo além de saber que não deveria?*

O gato preto, Edgar A. Poe

Introdução

A pesquisa proposta constitui-se de análise e exposição acerca da recorrência de um elemento específico, presente nos contos *William Wilson* (1839), *O gato preto* (1843) – ambos traduzidos por Cássio de Arantes Leite – e *O demônio da perversidade* (1845), – traduzido por William Lagos – do autor norte-americano Edgar Allan Poe: o Demônio da Perversidade. Por meio de leitura e análise desses contos objetivamos: expor a representação desse espírito, definindo-o à luz das narrativas de Poe; relacioná-lo com figuras, espíritos e deuses de mitologias; especificarmos sua função e efeitos nas estórias.

Nas narrativas supracitadas nos deparamos com este pertinaz espírito. Por vezes, seu nome sequer é citado no texto, porém percebemos sua ação e/ou influência sobre os desfechos das narrativas; outrossim, o encontramos em trechos parafraseados, diluídos nos variados contos de Poe (e não apenas nestes elencados acima), em que este espírito ainda que ocultamente, revela sua face em meio a pistas obscuras fornecidas pelo narrador.

Também consideramos necessário tratarmos nesse trabalho do gênero conto, tendo em vista que são estes os tipos de textos analisados aqui. Para tanto, faremos uso de um texto do próprio Poe que versa a respeito; também de um texto específico pertencente ao livro *Valise de Cronópio*, do argentino Julio Cortázar.

O gênero conto: ficção de fragmentos

Os contos são compostos por narrativas curtas que representam uma visão fragmentada do ser humano, que é capaz de criar e desenvolver histórias que expressem a descentralização do mundo e do próprio homem, sintetizando as complexidades humanas (SOUZA; FERNANDEZ, 2010, p. 1).

Para a construção do conto, gostaríamos de elencar algumas considerações importantes de Júlio Cortázar explícitas em *Do conto breve e seus arredores*, tal como a *esfericidade*, conceito que está relacionado à *representação simbólico-estrutural desse gênero*, o que nos confere a noção de uma narrativa perfeitamente completa, tal como uma figura esférica, cujos limites não podem ser vistos, portanto, o conto funciona como criaturas vivas, organismos completos, ciclos fechados, que respiram (CORTÁZAR, 2006, p. 235). Outro fator pontuado por Cortázar, agora mais especificamente sobre contos fantásticos é o fato de considerar um tanto absurdo que esse tipo de conto seja produto de neuroses do autor, entretanto, o conto é como um uma criatura viva de que o autor precisa livrar-se:

Talvez seja um exagero afirmar que todo conto breve plenamente realizado, e em especial os contos fantásticos, são produtos neuróticos, pesadelos ou alucinações neutralizadas mediante a objetivação e a transladação a um meio exterior ao terreno neurótico; de toda forma, em qualquer conto breve memorável se percebe essa polarização, como se o autor tivesse querido desprender-se o quanto antes possível e da maneira mais absoluta da sua criatura, exorcizando-a do único modo que lhe é dado fazê-lo: escrevendo-a (CORTÁZAR, 2006, p.230).

Essa afirmação de Cortázar está imbricada à *Filosofia da composição* de Poe, um ensaio que procura explicar uma teoria sobre como bons escritores escrevem quando eles escrevem bem. Nesse texto, o autor norte-americano sustenta a tese de que um escritor não está num plano transcendental para o ato da escrita, pelo contrário, o faz com planejamento, de modo consciente:

Muitos escritores [...] preferem ter por entendido que compõem por meio de urna espécie de sutil frenesi, de intuição estática; e positivamente estremeceariam ante a ideia de deixar o público

dar uma olhadela, por trás dos bastidores, para as rudezas vacilantes e trabalhosas do pensamento, para os verdadeiros propósitos só alcançados no último instante, para os inúmeros relances de ideias que não chegam à maturidade da visão completa [...] (POE, [1846] __, p. 2).

Concluimos essa seção, portanto, afirmando que as narrativas de Edgar Allan Poe seguem o roteiro do “bom conto”. Precisamos aqui sobrelevar alguns fatos sobre o autor: ele era pobre, casado, sua esposa era doente e também cuidava da sogra. Além do talento inegável, precisava sobreviver, sendo assim, seus contos eram produzidos a fim de que fossem publicados em jornais/revistas, para a subsistência de seu criador e família; conseqüentemente, Poe não podia se dar ao luxo de “desvarios literários”, muito pelo contrário, seus textos precisavam estar metodicamente bem organizados/produzidos, a fim de que recebesse preço justo, o que nem sempre ocorria, como no caso do poema *O corvo*.

2. Considerações sobre alguns seres mitológicos relacionados ao demoníaco e seus vínculos com Poe

A figura do demônio é contumaz nas mais variadas culturas, inclusive na ocidental, em que o mal está em relação direta com o demoníaco; como um espírito maligno, um deus perverso que está sempre apto a enganar o ser humano, conduzindo-o à destruição. Sendo assim, com a finalidade de aprofundarmos um pouco mais nosso trabalho sobre o *demônio da perversidade*, estabeleceremos conexões com a representação máxima de malignidade, de acordo com a fé cristã, isto é, Satanás; também analisaremos outros espíritos de outras variadas mitologias – ainda que brevemente, visto que não pretendemos nos ater a estes –, mas temos sim, o intuito de relacionar nosso objeto de estudo a algumas dessas representações perversas detectadas nas diversas mitologias; bem como, à filosofia; e, finalmente, a personagens perversos de outras obras literárias.

A ideia que temos sobre o diabo e/ou os demônios, no Ocidente cristão, nos conduz a uma perspectiva maniqueísta, pois está amplamente embasada nos pressupostos do cristianismo, uma vez que o texto bíblico claramente define esses espíritos como sendo maléficos, negativos, que conduzem os homens ao erro, diferentemente de Deus e os anjos, o polo positivo. Ao lermos e analisarmos o texto bíblico notamos o Criador como o Ser não criado, sem princípio e sem fim, o *Ancião de dias*, como descrito no livro do profeta Daniel; o *Eu Sou*, do livro de Êxodo, revelado a

Moisés. Esse é o mesmo Deus elaborador do plano de salvação para a humanidade, sondador dos corações humanos que enxerga a necessidade de regeneração do homem, para o retorno ao Jardim, e reestabelecimento de contato pessoal com sua obra-prima. O seu oponente, algoz dos homens, Satanás, os odeia e planeja e intenta destruir-lhes, buscando afastá-los de seu Criador e isto *desde o princípio*, visto que sempre procurou destruir o Messias, *aquele lhe esmagaria a cabeça*, e o único com poder para resgatar as almas do abismo. No nosso ocidente cristão, esse mesmo do qual Poe fez parte, a representação do mal está relacionada à figura de Satanás, esse espírito orgulhoso que rebelou-se contra o Criador:

Tu eras o querubim, ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e pecaste; por isso te lancei, profanado, do monte de Deus, e te fiz perecer, ó querubim cobridor, do meio das pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti (BÍBLIA, Ezequiel, 28, 14-17).

Essa iniquidade da qual fala Deus por meio do profeta Ezequiel é o orgulho, motivo que levou o anjo Lúcifer à queda, e como consequência, a uma destruição futura, preparada para o fim dos tempos. Esse mesmo Lúcifer, agora Satanás, busca provocar nos homens o mesmo *sentimento* destruidor que lhe tirou o título de querubim ungido e lhe deu o de Demônio. Podemos, assim, relacionar esse espírito enganador ao espírito da Perversidade, esse que motiva os homens à prática do mal, sem haver de fato um motivo, uma *razão*. Mas, na tradição cristã há um motivo para que o Diabo provoque os homens ao pecado, que em suma configura-se como uma rebeldia contra Deus: Satanás odeia os seres humanos, não lhes desejando bem algum, e como finalização para seus planos, seu anseio é conduzi-los para o mesmo local de tormento para o qual está destinado: o inferno.

Conforme Jung, essa configuração da mitologia judaico-cristã (e de outras), em que o Cristo vence o diabo funciona da seguinte maneira:

O mito universal do herói, por exemplo, refere-se sempre a um homem ou um homem-deus poderoso e possante que vence o mal, apresentado na forma de dragões, serpentes, monstros,

demônios, etc. e que sempre livra seu povo da destruição e da morte (JUNG, 1964, p.79).

Jung também fala acerca de demônios que atuam como uma *força interior*, o *mana*, que move o ser humano, e esse mover não está sob o controle deste:

Estas forças interiores procedem de uma fonte profunda que não é alimentada pela consciência nem está sob seu controle. Na mitologia antiga chamavam-se a essas forças *mana*, ou espíritos, demônios e deuses. Estão tão ativos hoje em dia como no passado (JUNG, 1964, p. 81-82).

Atentando-nos ao que se chama *mana*, chegaremos à informação de que consiste numa força ou influência não de caráter físico; seria uma força de caráter sobrenatural que se revela no mundo físico, ou numa capacidade possuída por um homem, segundo Jung. O *mana*, na cultura dos melanésios, configura-se, portanto, uma força universal e impessoal, logo, presente no mundo, atuante e não se refere a uma pessoa em particular, sendo assim manifesta-se em quaisquer pessoas. *Mana*, especificamente faz parte dessa cultura, dos povos da ilha Melanésia na Oceania, porém, parece-nos que os melanésios estavam corretos em afirmar a universalidade dessa *força*, pois noutras culturas ela também se manifesta, com outros nomes, evidentemente, tais como *orenda*, dos Iroqueses e *megebé*, dos Pigmeus de África (ELIADE, 1957, p. 138-139).

Estendendo a análise desse *princípio* a outras culturas notamos seu eco pelas diversas mitologias. Na mitologia grega, por exemplo, sob a forma do monstro malévolos Tifeu, criatura mitológica configurado como uma *síntese das forças obscuras da natureza*: “Tifeu exala um vento malévolos, desenfreado, devastador e sem direção previsível [...]” (GARDIN, 2007, p. 41). Na mitologia egípcia, temos também Seth, deus representante do mal, da violência e do crime (GARDIN, 2007, p. 103). No zoroastrismo, Arimane ou Angra Mainyu, representa o mal supremo e é mestre em *druj*, isto é, mestre no engano.

Quanto a essas representações da perversidade, precisamos dissertar sobre o fato de que a humanidade sempre buscou explicações para compreender o mundo ao seu redor, ou para simular uma compreensão acerca da realidade. De acordo com Jung, em nossa modernidade atentamo-nos para explicações mais racionais para o que nos cerca,

contudo, nossos antepassados não hesitaram atribuir fenômenos aos espíritos, aos deuses ou aos *demônios*:

Estamos de tal modo habituados à natureza aparentemente racional do nosso mundo que dificilmente podemos imaginar que nos aconteça alguma coisa impossível de ser explicada pelo bom senso comum. O homem primitivo, ao se defrontar com este tipo de conflito, não duvidaria da sua sanidade — pensaria em fetiches, em espíritos ou em deuses. As emoções que nos afetam são, no entanto, exatamente as mesmas. Os receios que nascem de nossa elaborada civilização podem ser muito mais ameaçadores do que os atribuídos pelos povos primitivos aos demônios (JUNG, 1964, p. 45)

Também podemos, desta feita, ao pensarmos no “demônio”, o dos narradores-personagens de Poe, elencar dois espíritos conhecidos da Filosofia: o Gênio Maligno, de Descartes, e o Daemon, de Platão. Descartes, em *Meditações sobre a filosofia primeira* (1641), afirma: “Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me.” (p. 5, 1983). Este “gênio maligno” constitui-se um artifício psicológico, que tende a induzir-nos ao erro, no que diz respeito ao conhecimento. Em *Fedro*, Platão fala acerca do misterioso Daemon, que seria uma espécie de mensageiro dos deuses, vigilantes das decisões dos homens. Contudo, também se atentarmos para o texto de 1845, *O demônio da perversidade*, notamos que esse espírito/gênio/ constitui-se “[...] uma tendência, uma propensão que, embora obviamente existindo como um sentimento radical, primitivo e irredutível, foi igualmente ignorada por todos os moralistas [...]” (POE, 2006 [1845], p.7). Ainda assim, de certo modo, tanto o Daemon quanto o Gênio, quanto o Demônio da Perversidade, parecem imbricados ao espírito humano, não como relação que vem de fora para dentro, mas o inverso.

Aproximando-nos mais um pouco do Demônio dos contos de Poe, queremos dizer, no âmbito da literatura, que temos Mefistófeles, personagem da obra *Fausto*, de Goethe. Em um determinado trecho, Mefistófeles diz ao Senhor: “Sou como o gato: de murgunho morto não faço caso; o meu divertimento é correr e arpoar os que me fogem” (GOETHE, 1956, p.40). Este se aproxima mais da perspectiva cristã acerca da malignidade, assim como também da Perversidade que os narradores dos contos

supracitados evocam: “E esta tendência insuperável para praticar o mal por amor ao mal não admite análise nem resolução em elementos ulteriores. É um impulso radical e primitivo – um impulso elementar” (POE, 2006 [1845], p.10).

Outro personagem que pode ser citado, porém não como força motriz, mas sim como um afetado por tal força é Heathcliff, de *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë. A temática do livro consiste na revolta do maldito expulso de seu reino pelo destino e que não consegue refrear seu desejo de reencontrar seu mundo perdido (BATAILLE, 1989, p.16). De acordo com Georges Bataille, em *A literatura e o mal*, esse personagem maldito sente prazer na transgressão das leis, da moral; odeia a humanidade e a bondade, não como alguém fora de sua estabilidade mental, mas lucidamente. O personagem revela esse princípio inato de amor ao mal em variados momentos, em um deles diz:

É estranho o sentimento de fúria que se apossa de mim contra quem parece temer-me! Se eu tivesse nascido onde as leis são menos estritas e os gostos menos delicados, divertir-me-ia, ao serão, com uma lenta vivisseção desses dois (BRONTË, 1976, p.342)

3. Análise do Demônio da Perversidade em Edgar Allan Poe

O nosso objeto de estudo foi realmente exposto pela primeira vez no conto *O demônio da perversidade*, publicado no *Graham's Lady's and Gentleman's Magazine*, em 1845. Contudo, sua emergência nos contos allanpoenianos deu-se anos antes, segundo nossas constatações, em 1839, com o conto *William Wilson*. Em 1843, em *O gato preto*, o *espírito da perversidade* aparece melhor discriminado, evidenciando um pouco mais suas características.

Iniciamos nossa análise pelo conto mais recente, tendo em vista sua completude acerca do “conceito” de *demônio da perversidade*, pois assim acreditamos que pelo fato de estar mais bem colocado, seja mais simples compreender sua participação nos contos anteriores. Nesse conto, o narrador cometeu um crime, a saber, um homicídio, porém antes de confessá-lo, elabora um ensaio acerca do que ele considera a força motriz para tal crime:

Ao considerarem as faculdades e impulsos dos motores primordiais da alma humana, os frenologistas não conseguiram

estabelecer uma função de uma tendência, uma propensão que, embora obviamente existindo como um sentimento radical, primitivo e irreduzível, foi igualmente ignorada por todos os moralistas que os precederam (POE, 2006 [1845], p. 7).

Em *William Wilson*, de 1839, o vigésimo terceiro conto de Poe, temos uma narrativa em que o grande interesse está na informação de que a temática do Outro e/ou o Duplo emerge, conforme o narrador vai se desvendando, de acordo com Nazario:

A construção binária dominante da narrativa fornece, para cada acontecimento, a sua duplicação. Trata-se, porém, de uma duplicação nada estável, que leva ao conflito, um fato que se torna patente com o aparecimento do “segundo William Wilson”, momento em que o narrador se sente duplamente desgostoso, com o nome do seu sócia, a causa da sua “dupla repetição” (NAZARIO, 1999, p. 66).

No conto o narrador se apresenta como William Wilson, um homem que desde a infância mostra-se caprichoso e dominador; contudo, ainda durante essa fase há outro sujeito que possui o mesmo nome, nasceu no mesmo dia e tem o mesmo aspecto físico de Wilson. Nazario (1999), afirma haver aqui uma relação especular no próprio nome que o narrador dá a si mesmo:

Percebe-se no nome deste narrador um anagrama que espelha o relacionamento entre o original e o duplo: o nome William encapsula a frase *Will I am*: lida de modo inverso, esta frase seria uma interrogação sobre o próprio narrador, cujo sobrenome também comunica o fato de ser ele *Will's son*, ou seja, o filho de Wilson (NAZARIO, 1999, p. 64).

Mais adiante, seguindo o fluxo narrativo, Wilson começa a descrever o estado degenerativo que vai assumindo com o passar dos anos, buscando inclusive no leitor uma explicação para tal. De acordo com ele próprio, nem seus pais poderiam deter as *malignas propensões com as quais distinguia* (POE, 2012 [1839], p.26). Por vezes, esse narrador emite ecos da *Perversidade*, embora não use o termo *o demônio da perversidade*, como nos demais contos, contudo a ação deste *princípio inato* aos homens acompanha nosso personagem, como podemos conferir nos fragmentos a seguir:

Era minha intenção, agora, pôr o meu plano em operação, e me determinara a fazê-lo sentir toda a extensão da malevolência de que estava imbuído [...]

Estimulado por tal instrumentação para o vício, o temperamento de minha constituição aflorou com ardor redobrado, e repudiei até mesmo os refreamentos comuns da decência na tresloucada paixão de minhas esbórnias (POE, 2012 [1839], p. 35; 38).

Em *O gato preto*, percebemos um narrador - de cuja narrativa podemos desconfiar - que no tempo da infância era uma criança dócil e de bom temperamento; na fase adulta, por muitos anos, desfruta da companhia da esposa e de seus animais, até o momento em que sofre uma severa alteração de humor por obra do Demônio da Intemperança, o qual também denomina espírito da Perversidade, que, segundo ele, a filosofia não se ocupa dele, mas afirma que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano, “[...] uma das indivisíveis e primordiais faculdades, ou sentimentos, que orientam o caráter do Homem” (POE, 2012 [1845], p. 83-84).

Na perspectiva dos narradores de Poe, existe uma tendência natural, primitiva, enraizada nos seres humanos, manifesta sem motivos, e que nos leva a fazermos o que não deveríamos:

A indução, *a posteriori*, teria levado os frenólogos a admitir uma coisa paradoxal como princípio inato e primitivo das ações humanas, algo que denominaremos *perversidade*, na falta de um termo melhor. No sentido que pretendo, é de fato um móvel sem motivo, um motivo não *motivirt!*. Através de seus estímulos, agimos sem um objetivo compreensível; ou, se quisermos entendê-lo como uma contradição de termos, podemos modificar a proposição para dizer que, através de seu estímulo, agimos pela razão de que *não deveríamos agir* (POE, 2006 [1845], p.9)

Considerando essa *perversidade*, tal com os narradores nos falam, podemos pensá-la como uma realidade atômica, por assim dizer, porque tal como um átomo, indivisível, que não vemos, mas sabemos que existe e compõe os homens e as coisas, assim o é a *perversidade*, como acreditamos que Poe propõe: não é percebida pelos cinco sentidos, porém alcançada por meio da reflexão. Assim pensamos, porquanto os narradores (*sempre assassinos*), após uma reflexão, atribuem suas ações ao Demônio da Intemperança/ Espírito da Perversidade.

Outra observação que podemos elencar acerca do Espírito da Perversidade, é seu caráter dualístico, característica última citada pelo ensaísta-narrador:

E, poderíamos, sem dúvida, considerar que esta inclinação pervertida era uma instigação direta de Satanás, se não soubéssemos que, ocasionalmente, este impulso opera em favor do bem (POE, 2006 [1845], p. 13-14).

Recorremos mais uma vez às histórias mitológicas se verificarmos a nórdica nos deparamos com um universo onde as forças do bem e do mal não estão bem delimitadas, de modo que os deuses não são completamente bons ou maus, como o deus Loki, que ora é aliado, ora é adversário dos deuses. É, por conseguinte, uma mitologia dualística, não do bem e do mal, mas da ordem e do caos (GARDIN, 2007, p. 151).

Posto isto, nosso narrador “allanpoeniano” não especifica como pode o *espírito da perversidade* agir em favor do bem, como ele mesmo diz, entretanto, se o relacionarmos com a cultura nórdica, podemos inferir que esse *espírito* age em favor do equilíbrio das coisas.

Aqui, quando tratamos do demônio da perversidade, referimo-nos especificamente não a um espírito sobrenatural, mas sim, a um princípio, como revelado pelo próprio autor em *O demônio da Perversidade* (1845). Certamente, nós o relacionamos com “seres” mitológicos, contudo para evidenciar a presença desse “[...] sentimento radical, primitivo, irreduzível...” (POE, 2006 [1845], p.7) nas mais variadas culturas. E, ao refletirmos sobre o espírito maligno, constatamos uma quebra com a tradição cristã exatamente nesse ponto: não há motivo para a prática do mal. Voluntariamente, pratica-se a perversidade sem motivo, e esse espírito é persistente, permanente, inato, primitivo, está em nós e manifesta-se sem motivo, mas é a causa das práticas perversas humanas. Há que se ressaltar: esse espírito possui uma característica própria: ele evidencia certo equilíbrio com o bem, visto que pode operar em seu favor, Tal como Seth, deus mal e violento, ainda assim necessário para lutar contra a serpente Apófis e todas as noites salvar o mundo. Diferentemente, opera inimigo das almas, Satanás, pois suas ações culminam sempre para o mal e destruição do ser humano.

Considerações finais

No decorrer de nosso texto, realizamos uma exposição breve sobre o gênero conto que Poe, em a *Filosofia da composição*, dirá ser uma literatura superior ao próprio romance, bem como afirma a necessidade de se trabalhar a escrita sob o crivo de um árduo tecer de palavras para se lograr êxito e um determinado efeito desejado. Após, vimos algumas explicações sobre a perspectiva mitológica; pontuamos alguns

deuses/espíritos de outras culturas, que não a cristã, a fim de que constatássemos a veracidade da própria tese de Poe sobre o *demônio da perversidade*.

Exposto o *demônio da perversidade*, o dos contos, e as considerações sobre seres mitológicos, podemos pontuar alguns fatos a respeito desse *sentimento radical e primitivo*: a) apesar de receber o nome de *demônio*, e de Poe ter sido um cidadão norte-americano em pleno século XIX, em que o Cristianismo protestante demonizava tudo o que lhe fugia aos parâmetros, não se trata de um espírito maligno, provindo do sobrenatural, mas sim de uma *força*, tal qual sociedades primitivas descrevem como o *mana*, por exemplo, já supracitado; b) esse demônio/espírito da perversidade/intemperança possui a função de fazer o homem agir *negativamente*; c) é uma tendência insuperável – para os narradores, e se o relacionarmos intrinsecamente a mesma força de que falam os melanésios, os iroqueses, os pigmeus, etc., será insuperável para todos os homens – para se praticar o mal, por amor a ele; c) não necessariamente seu nome *Perversidade* precisa aparecer no texto de Poe para notificarmos sua presença; d) possui um caráter dualístico, tendo em vista que ocasionalmente pode atuar em favor do bem.

Uma consideração última: se, e somente se quisermos relacioná-lo com a cultura cristã, admitindo assim, que não é algo palpável e/ou visível, o veremos à luz do texto bíblico como a *carne*, que seria uma instância inferior do homem, que o reduz a um estado primitivo, e que conduz o ser humano à perdição. No Evangelho Segundo Mateus, capítulo 26, versículo 41, Jesus adverte seus discípulos: “Vigiai e orai, para não que não entreis em tentação. *O espírito, com certeza, está preparado, mas a carne é fraca*” (Grifo nosso). Atentemos aqui, que esse não é um texto isolado, pelo contrário, mas corroborado com outros, como em algumas cartas do apóstolo Paulo, por exemplo, a carta dirigida aos romanos, no capítulo 7, versículo 18, em que diz: “Porque sei que na minha pessoa, isto é, *na minha carne, não reside bem algum*; porquanto, o desejar o bem está presente em meu coração, contudo, não consigo realizá-lo”. A grande diferença está no fato de que essa *carne*, na tradição cristã precisa ser domada, ou em termos paulinos, *crucificada*: “E os que são de Cristo *crucificaram a carne* com as suas paixões e concupiscências” (Gálatas 5.24). Temos, portanto, que a *carne*, na vida do cristão, manifesta-se todas as vezes que não é posta sob o senhorio de Cristo.

Finalmente, concluímos nosso trabalho afirmando que essa *propensão*, tão persistente nos contos de Edgar Allan Poe, é na verdade mais uma tese, bem elaborada e exemplificada, acerca dessa *força* (na falta de termo melhor), para algo que é inerente a todos os homens. A diferença residirá, essencialmente, nas nomenclaturas adotadas pelas mais diferentes culturas. Um fato, entretanto, não pode ser negado, esse princípio primitivo/inato e tão nosso, tão próprio a nós, está onde estivermos e não pode ser evitado.

Referências bibliográficas

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1995.

BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. Círculo do Livro, 1976.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto breve e seus arredores. In *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DESCARTES, René. Primeira meditação. In. *Meditações sobre a filosofia primeira*. Trad. Fausto Castilho. Edições: CEMODECON, IFCH – UNICAMP, p. 5-25.

ELIADE, Mircea. *Mitos, sonhos e mistérios*. Lisboa: Edições 70. 1957, 199 p. (Perspectivas do homem; v. 32)

_____. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDEZ, Sonia Inez Gonçalves; Luciane Bernardi de Souza. Aspectos da teoria do conto de Julio Cortázar em Guapear com Frangos de Sérgio Faraco. *Revista Ideias Rio Grande do Sul*, n. 26, jul/dez 2010. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistaideias/arquivos%20PDF%20revista%2026/aspectos%20da%20teoria%20do%20conto%20de%20julio%20cortazar%20em%20guapear%20com%20frangos.pdf> . Acesso em: 11 de dez. 2017.

GARDIN, Nanon. *História das mitologias do mundo*. Lisboa, Texto & Grafia, 2007.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Fausto*. Trad. António Feliciano de Castilho. W. M. Jackson Inc. Editores, 1956.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

NAZARIO, Julian. A dupla configuração do texto: “William Wilson” de E. A. Poe. Florianópolis, Fragmentos. Nº 17, p. 63/75 / jul - dez/ 1999.

POE, Edgar Allan. O demônio da perversidade. In: Assassinatos na rua Morgue e outras histórias. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2006.

_____. O gato preto. In: Contos de imaginação e mistério. São Paulo: Tordesilhas, 2012

_____. William Wilson. In: Contos de imaginação e mistério. São Paulo: Tordesilhas, 2012.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2544953/mod_resource/content/1/Poe.pdf>